

A LENDA DE OÃDA

Testemunhos de Reis e Plebeus



Giotto Vassoa

Capítulo de Amostra

A LENDA DE
OÃDA

Testemunhos de Reis e Plebeus

Giotto Vassoia

Este livro é protegido por direitos autorais e sua propriedade intelectual é de propriedade exclusiva do autor.

Ao baixar este livro, receberá uma amostra gratuita que inclui apenas um capítulo do livro do original. Este capítulo é fornecido apenas para fins de avaliação e não pode ser distribuído ou reproduzido sem a autorização expressa do autor.

Concorda também em não copiar, distribuir, vender ou explorar comercialmente o conteúdo em qualquer forma sem o consentimento por escrito do autor. Não fazer engenharia reversa, descompilar ou modificar o código-fonte do livro.

O autor não se responsabiliza por qualquer dano ou perda resultante do uso deste livro, incluindo erros ou omissões no conteúdo. O livro é fornecido “como está” e sem garantia de qualquer tipo, expressa ou implícita.

Ao baixar e ler este livro, concorda com todos os termos e condições estabelecidos nesta página. Se tiver alguma dúvida sobre o uso do mesmo, entre em contato para obter mais informações.

Título

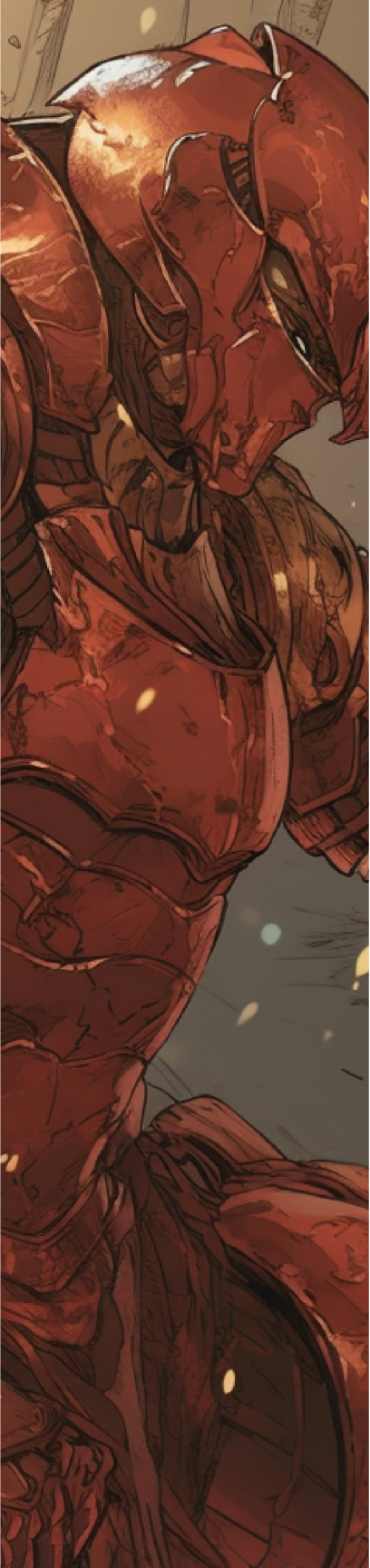
A Lenda de Oãda: Testemunhos de Reis e Plebeus

lendadeoada.com

Email: ola@lendadeoada.com

Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.

João 14:6



Capítulo 1

FIEL CAVALEIRO

O cenário se repetia. Sentada à beira do mar, em seu banco favorito, Omena apreciava o horizonte avioletado, com um olhar profundo e, como de costume, seus pensamentos agitados a percorrer sua mente. Os pescadores já estavam habituados a tê-la em sua área de trabalho enquanto arrumavam as redes e se organizavam para voltar para suas casas. Tanto que já não a perguntavam se estava tudo bem, se estava à espera de alguém ou se precisava de alguma ajuda. Em parte, eles teriam se sentido intimidados pela forma rude como Omena lhes tinha respondido da última vez que a abordaram, duas semanas atrás. Desde então, ninguém mais ousou falar com ela.

‘E aqui estás tu, de novo’ — disse uma voz masculina e áspera vinda por de trás do banco onde Omena estava sentada. Ela reconheceu aquele timbre de imediato. Sem olhar para trás e com os olhos fixos no mar que já escurecia por causa do sol que desceu às águas, suspirou. Sabia porquê ele estava ali e, apesar de ser uma pessoa querida para ela, naquele momento, tudo que ela queria era que ele não a tivesse encontrado, mesmo sabendo que era meio óbvio que ele a procuraria naquele lugar.

‘A tua mãe está preocupada contigo’ — soou mais uma vez aquela voz com um tom amigável e cauteloso. O jovem dono da voz olhava para o mar, com os braços cruzados, colocando-se em pé ao lado do banco onde Omena estava sentada, esperando pacientemente por uma resposta.

Omena também mantinha o seu olhar fixo no mar que já se

Capítulo 1: Fiel Cavaleiro

tornava azul escuro, tendendo ao preto da noite. Encolheu-se no banco em que sentava, em parte por causa do frio, mas sobretudo por conta do afundador sentimento que o negro do mar noturno lhe criava, notificando-lhe que estava na hora de voltar para casa. Aquele lugar ainda mais frio e solitário, mesmo com as lareiras que serviam para aquecer as paredes e a companhia da sua carismática mãe.

Carismática apenas pelo seu título: Sumo Membro Honorário do Conselho de Arret. Uma espécie de administração não nomeável cujas decisões eram absolutas e definiam o destino de todos os cidadãos das oito províncias do reino. Apesar de toda sua influência e até admiração da parte dos seus governados, a mãe de Omena não parecia conseguir manter a harmonia debaixo do seu próprio teto. Discordava com Omena em diversos assuntos e fazia com que, conseqüentemente, sua filha se sentisse como se não pertencesse àquele lugar.

Há quem diga que aquele cenário se dava por falta de tentativas de alinhamento, mas isso não podia estar mais longe da verdade. Omena sempre procurou se colocar nos sapatos de sua mãe e genuinamente olhar para o mundo através dos seus olhos. Os pontos de vista da rainha, apesar de terem sido ensinados e bem fundamentados no coração da Omena quando criança, deixaram de ser resoluções satisfatórias para as questões que a inquietam. Era muito frustrante para Omena, sempre que fizesse uma pergunta sobre o assunto que a sua mãe lhe proibiu de tocar,

receber respostas como “as coisas são assim e ponto final!”.

Quando Omena era mais nova, esse tipo de respostas, apesar de não serem boas o bastante, eram o suficiente para mantê-la quieta por um tempo. Agora que a filha estava crescida, sentia que tinha falhado em fazer cessar as vozes que, segundo ela, atormentavam ambas com perguntas e contaminavam a inocente consciência da Omena com fábulas e raciocínios ilógicos. Omena já tinha vinte e dois anos e sua mãe se via forçada a cada vez mais ter de articular de forma inteligente os motivos de tanta discórdia.

Um por um, viam-se pescadores a retirar-se. Desapareciam de vista na esquina que levava à cidade. Toda ela era aclarada pelos luminares que cobriam o vasto céu preto da província de Basmut e pelas luzes das várias placas fluorescentes das lojas, dos bares e dos diversos centros comerciais. Esta era a capital comercial de Arret, afinal de contas. Por nascer e passar toda a sua vida aqui, Omena dominava Basmut como a palma da sua mão. Sabia onde encontrar as refeições mais bem temperadas e também em que local procurar, caso precisasse, equipamento para explodir um estádio de futebol inteiro.

“Princesa de Pés Ligeiros” foi a alcunha que ganhou por ser curiosa e irrequieta, mas tal fama só chegou até si depois de mais de metade do país incorporar o apelido. Ela não sabia de onde e nem como é que aquela fama começou a se espalhar e também não se importava. Frustrava-se em saber que, apesar de conhecer a província de cauda à coroa, não conseguia encontrar o que

queria. Parecia ser a única pessoa interessada nas resoluções que procurava.

Amigos que considerava próximos também partilhavam do seu interesse em busca de desfechos, mas não com o mesmo entusiasmo a ponto de lhes causar inquietação. Aliás, a maior parte deles entendia que ela devia se contentar com o que descobrira e esperar que as outras respostas viessem a si no tempo certo. Mas quando seria o tempo certo? O que é que se faz quando se tem uma convicção tão grande que não te deixa sossegar? Se ela quisesse ser sincera com ela mesma, a resposta a essa pergunta era meio óbvia. Uma convicção que não te deixa sossegar simplesmente faz-te movimentar em direção a ela.

Sim, essa era a resposta e não era muito difícil chegar em tal conclusão. Existiam milhares de pessoas em Arret que também tinham crenças não tranquilizantes. Qual era a diferença? A diferença residia no fato de todas outras convicções serem, de certo modo, coletivas e vistas com bons olhos, tanto pelo povo como pela realeza, desde que não fossem convicções criminosas. Omena, no entanto, cria sozinha. Bom, não exatamente sozinha. Existiam outros que, assim como ela, simpatizavam com a Lenda, mas eram apenas isso. Simpatizantes. Omena era a única que ia muito além da simpatia, o que fez com que o governo central marginalizasse a sua crença até mesmo em decretos, “pelo bem da ordem do nosso Reino”, justificavam.

‘Ela só se preocupa consigo mesma’ — respondeu Omena, ainda

encolhida no banco, lançando a cabeça para trás e olhando para as estrelas no céu, — ‘e, por favor, não me tentes convencer do contrário’.

‘Vocês voltaram a discutir?’ — perguntou o rapaz, tirando o seu casaco de couro preto e colocando nos ombros da Omena. Ao fazer isso, revelou uma tatuagem de flor flamejante em seu braço, que dava um ar complementar às dreads que tinha na cabeça.

‘Não foi uma discussão como tal’ — respondeu Omena, grata pelo casaco, mas a tentar esquivar-se do picante perfume que estava nele, — ‘foi a realização de que já não concordamos com nada. É quase caricato como já não importa o tópico, parecemos óleo e água’.

‘Precisas de férias’ — disse o jovem, dando alguns passos para frente, ainda com os olhos fixos no mar, — ‘sei lá, sair de Basmut. Passar um tempo longe da confusão’.

‘Tu sabes que isso não é possível, Danz’, — disse Omena visivelmente irritada com a ideia, — ‘a minha mãe colocaria metade do reino nas minhas costas para me controlar’.

‘Enquanto ela confiar em mim, não precisas te preocupar com isso’ — disse Danz, enfim cruzando o olhar com Omena, ainda com os braços cruzados e com um meio-sorriso no rosto. Ela conhecia aquela mirada. Via a mesma constantemente. Um olhar de conforto que seu único primo sempre lhe lançava, desde a infância, para tranquilizá-la. Atualmente Danz e Omena não tinham tanto contacto como antes.

Danz tinha ficado responsável pela loja do pai, onde passava a maior parte do tempo a arranjar máquinas para vender. Uma espécie de oficina-loja que seu velho construiu e fez crescer com a inevitável influência que tinha pelo fato de ser irmão mais velho da mãe da Omena e o candidato direto ao trono. Quando eram mais novos, ele e Omena costumavam correr pelas ruas e saltar pelos telhados enquanto experimentavam as máquinas que seu pai descartava e que Danz pegava para tentar dar alguma utilidade.

Numa das suas rotineiras aventuras, acabaram por destruir uma barraca no centro da cidade e tiveram de fugir para a floresta perto do litoral de Basmut. Enquanto estavam lá escondidos, a noite caiu e viram-se perdidos durante horas. A pequena Omena estava muito abalada, com muito medo e arrependida de ter participado naquela aventura. Achava que ficaria perdida para sempre na floresta. Foi o seu primo que, com aquele olhar tranquilizante, fez com que ela tomasse um pouco da sua confiança e seguisse esperançosa em busca de uma saída. Momentos depois, a guarda do reino encontrou-lhes e os levou de volta para seus respectivos pais, em segurança.

Omena levantou, vestiu o casaco do Danz, fechou os olhos, deu um longo e profundo suspiro, abriu os olhos e sorriu de volta para o Danz. A sua perspectiva sobre a situação mudou malmentinhos. Percorria sua mente não algo tão inédito como, de certo modo, queria. Colocando de modo simples, lembrou-se de algo que esteve de forma incessante presente em seu pensamento: viver

uma aventura com propósito. Sentia que valia a pena a sua busca, mesmo que fosse a única a ver valor nela.

Precisava encontrar ainda uma forma para harmonizar as coisas com a sua mãe. Pesava-lhe o fato de que sempre que pensava nela e lembrava do estado atual da sua relação, o seu estômago embrulhava-se todo e sentia a ansiedade engatinhar dentro de sua pele. Quando isso acontecia, perguntava-se se a sua mãe sentia o mesmo.

‘Estava aqui a pensar,’ — disse Omena, caminhando em direção às vozes agitadas da cidade, enquanto Danz seguia-a por trás, — ‘penso que devo aceitar o convite da Kerkrina e ir passar uma temporada nas montanhas ao norte.’

‘Na Vila da Caridade?’ — perguntou Danz.

‘Sim.’

‘Soa-me como uma boa ideia. Pelo menos é um lugar que a corte aprova e que a maioria dos membros são simpatizantes da Lenda.’ ‘Não é exatamente por isso,’ — disse Omena, acenando com a mão para alguns vendedores que a cumprimentavam, — ‘Estar com simpatizantes não é o que me atrai. Tanto que eu neguei o convite da primeira vez.’

‘Pensei que não tinhas aceite por causa da tua mãe.’

‘Não, não foi por causa dela. Enquanto estiver dentro da lei, não me prendo ao seu desejo de preservar a reputação da família. O que eu quero lá agora é sentir que estou a fazer algo de bom.’

‘Bolinhos de uva, senhorita Ziad?’ — falou uma senhora idosa,

de baixa estatura, coberta de rugas e com seus cabelos prateados à mostra saindo pelas laterais do lenço velho que tinha na cabeça. Com um sorriso sereno no rosto, estava sentada numa banca minúscula à beira do passeio, próximo a um pequeno fogão à carvão que estava aceso, mas não parecia estar a cozinhar.

‘Obrigado, dona Phia’ — respondeu Omena, aproximando-se da banca, retribuindo o sorriso com outro sorriso, também genuíno, — ‘vou levar três’. A senhora enrugada levantou-se, revelando que o seu avental estava parcialmente queimado na parte de baixo. Pegou num garfo de madeira com gravuras feitas à mão ao longo da pega e tirou do fogão, que parecia estar vazio, três bolinhos. Colocou-os num pequeno recipiente de plástico. Entregou-os à Omena que, portanto, pagou com duas moedas de cobre.

‘Por que continuas a comprar os bolinhos da dona Phia?’ — perguntou Danz enquanto andavam, tentando olhar com discrição para trás e, embaraçosamente, por uma fração de segundo, cruzando o olhar com a dona Phia que os observava de longe.

‘Depois dos rumores de que ela ficou louca da cabeça, quase ninguém mais compra seus produtos. Se ninguém mais comprar, ela não conseguirá se sustentar. Tu viste como ela está magra’ — respondeu Omena, abrindo o recipiente onde a dona Phia colocou os bolinhos, tirando um deles e dando uma mordida, — ‘para além disso, os bolinhos são muito bons. Quer um?’
‘Não, obrigado.’

Andavam pela cidade que ainda estava muito agitada. Quase todos os bares estavam cheios de pessoas a consumir bebidas espirituosas e a cantar hinos de bonança com estranhos. Até os becos escuros naquela noite tinham um pouco de vida a mais, com pessoas entrando e saindo para além do que era habitual.

Apesar da agitação, não havia sinais de confusão ou de lutas e as ruas estavam deveras limpas. Tudo isso devia-se ao facto de que, horas antes, o conselho de reis fez a visita à cidade que prometeu no mês anterior. Durante a mesma, foi anunciado que todos aqueles que nos últimos cinco anos tinham pago os seus impostos integralmente e a tempo, receberiam subsídios especiais para os seus negócios. O povo estava muito feliz e fez-se às ruas para celebrar. O som das músicas sobrepostas incomodava a Omena mais do que o perfume do casaco do Danz.

Por outro lado, o seu primo não parecia se importar. Enquanto andavam, comerciantes bêbados os abordavam e convidavam para fazer parte da festa. Estes acabavam por puxá-los pelo braço, o que só os colocava numa posição de vergonha, já que tanto Omena como Danz se soltavam das mãos geladas de cerveja dos baristas com maestria. Os mais lúcidos tentavam vender-lhes alguma bebida, mas eram ignorados.

Deixando a agitação das festividades para trás, Omena e Danz chegaram à entrada de um enorme campo de flores que levava até a um palácio iluminado tanto por fora como por dentro. Estavam em pé dois guardas com lanças, armaduras vermelhas e douradas,

com um olhar neutro, mas intimidador.

‘Estás entregue’ — disse Danz, a olhar para o palácio como alguém que procurava por algo, — ‘tenta não dar mais motivos para a tua mãe estar em teu caso’.

‘Eu posso estar em meu quarto, feito um vegetal, e ela estará em meu caso’ — disse Omena, tirando o casaco e devolvendo ao primo, — ‘Enfim, falamo-nos depois. Vou precisar de 3 banhos para tirar esse perfume de mim’.

‘Hm? O que tem o meu perfume?’

Omena respondeu com um olhar de “obrigado, mas por hoje é tudo”, aproximou-se ao portão que se abriu de forma automática, acenou em despedida ao Danz e seguiu pelo caminho rodeado de flores. Seu vestido amarelo combinava com os girassóis na entrada, mas eram as suas calças pretas rasgadas aos joelhos que revelavam que ela não era tão delicada quanto os tais. O que era uma pena para a sua mãe que advogava com força pelo preparo da filha para, em tempo oportuno, tornar-se um dos reis de Arret. Omena não estava interessada nos tronos. Nunca esteve. Das aulas que ela e os outros filhos dos membros do conselho viam-se obrigados a participar, a única na qual tinha interesse era História de Arret. Discutia com frequência com a professora, convicta de que ela estava a omitir informação sobre o reino e suas raízes. Informação esta que ela acreditava ser importante para se entender e até alcançar a Lenda. Por isso, sempre que conseguia, fugia de casa para encontrar-se com o primo e seus amigos que

sempre tinham algo mais produtivo por fazer.

Em algumas ocasiões no passado, os soldados a apanhavam mesmo antes de sair do campo de flores. Mas, com um pouco de prática e com a ajuda de alguns dos trabalhadores do palácio que sentiam pena da Omena, o número de vezes que ela era apanhada reduziu significativamente. À medida em que ia crescendo, as vezes em que os guardas a cercavam deixavam de ser ocasiões vitoriosas e passavam a ser início de batalha.

Era uma luta pela liberdade, onde suas únicas armas eram um enorme desejo de não se deixar vencer e seus punhos. Aqueles cenários eram vistos por ela como injustos, porque os guardas eram maiores, mais fortes, mais rápidos e tinham lanças. Por ser uma princesa, nunca utilizaram desse último recurso contra ela, mas, na sua cabeça, eles só não o faziam porque não tinham a oportunidade. Por isso, preferiu não arriscar e, numa das suas batalhas, acabou conseguindo pegar numa das lanças e usá-la mais como ferramenta de negociação do que de luta.

Com diversos episódios desses, sua mãe começava a desesperar-se, não sabendo o que mais poderia fazer para mudar o coração da sua filha para que ela um dia pudesse ser também coroada e respeitada como dirigente do povo de Arret. Contudo, a única auréola que para a Omena importava era o seu massivo cabelo afro que ela mesma já tinha jurado nunca baixar para vestir uma coroa na qual ela não acreditasse. No caso, a coroa da mãe. Era este cabelo que ela tanto amava que agora voava levemente com

a brisa amena daquela noite de meia-lua, enquanto ia em direção ao palácio.

‘O jantar já está frio’ — disse uma senhora baixinha e idosa, com longas vestes de dormir, sentada numa pequena cadeira à berma do caminho que dava acesso ao grande castelo. Estava a ler o que parecia ser uma revista de fofocas, — ‘vais ter de aquecer sozinha’ — completou, não tirando os olhos da revista.

‘Não tenho fome’ — disse Omena, sem parar de caminhar.

‘A tua mãe não está no castelo’ — falou a senhora, desta vez pousando a revista em seu colo, olhando para a Omena que teve a reação que ela esperava: parou, virou-se desconfiada e voltou alguns passos para olhar a senhora nos olhos.

‘Onde é que ela está?’

‘Não sei. Ninguém sabe.’

‘Como assim ninguém sabe?’

‘Saiu e não disse a ninguém para onde ia.’

‘Mas nem a ti?’

‘Nem a mim’ — a senhora voltou a pegar na revista e continuou a ler. Omena continuava a olhar para ela e rapidamente decifrou que o olhar despreocupado em seu rosto era apenas uma máscara. ‘E o Bestúg?’ — perguntou Omena, segurando a revista e tirando-a dos olhos da senhora. Agora mais de perto, dava para ver claramente algumas das rugas que tentavam esconder a preocupação no rosto da velha.

‘O Bestúg está lá dentro. Ele também não sabe para onde ela foi’

— disse a senhora, ficando em pé, fazendo com que se tornasse notório a grande diferença de alturas entre as duas.

‘Diensa, porque tu pareces estar demasiado preocupada?’ — perguntou Omena, virada para a senhora com o mesmo olhar de desconfiança que ela lhe atirou quando ouviu que a sua mãe não estava no palácio. Desta vez, o olhar era visivelmente mais acentuado.

‘Tu não estás preocupada?’ — disse a Diensa, andando para cima e para baixo, freneticamente. Olhos fixos no chão e suas mãos abrindo e fechando como se estivesse à procura de algo para segurar e lhe confortar, — ‘a rainha nunca sai sozinha! Por isso pelo menos mais uma pessoa sempre sabe do seu paradeiro. E agora ninguém sabe de nada!’

‘Não achas que estás a exagerar um pouco, Diensa? A minha mãe é adulta. Ela pode fazer o que bem entender’ — respondeu Omena, sentando na cadeira que a Diensa deixou vazia, — ‘eu só penso ser curioso que ela tenha saído a essa hora. Ainda mais sozinha. Ela quase nunca deixa o palácio depois que o sol se põe, a não ser que seja para encontros com a corte, e sempre sai com o Bestúg’.

‘É fácil não te preocupares com o facto de que um dos reis de Arret, que por coincidência é a tua mãe, aventurou-se pelas densas trevas, sem nenhum tipo de proteção, sendo o elo mais fraco entre os quatro. Tu não te preocupas nem mesmo com a tua própria proteção. Aliás, não te preocupas com nada!’ — disse

Diensa, não menos agitada do que antes. Tirou a revista das mãos da Omena, bateu em seu ombro para sinalizar que queria voltar a sentar naquele lugar e voltou a ler depois que a Omena cedeu o espaço para ela.

‘Eu não sei o que tu andas a ler nessas tuas revistas, mas precisas aprender a relaxar’ — falou Omena, voltando a pegar na revista. Virou-se para um dos postes de iluminação para ver o que estava lá escrito — ‘e eu me preocupo com a minha mãe. Diferente de ti, não penso que haja necessidade de entrar em pânico. Hoje é dia de festa em Basmut. Aposto que ela foi divertir-se um pouco. Devias ir também. Estás a precisar’.

‘São essas revistas’ — começou Diensa, arrancando a revista das mãos da Omena — ‘que me ajudam a relaxar. E se a tua mãe foi à festa, por que é que ela não me informou? Eu podia ter ajudado a escolher algo para ela vestir, ou feito um penteado adequado para a ocasião. Até mandava alguns dos guardas vestirem à civil para acompanhar a rainha’.

‘Foi exatamente por isso que ela não te disse nada, Diensa’ — respondeu Omena, com um sorriso de pena, — ‘tu ias sufocar a pobre coitada. Enfim, boa noite’ — terminou Omena, caminhando em direção ao castelo e deixando a Diensa e sua revista para trás. ‘O jantar está mesmo frio. Queres que eu aqueça?’ — perguntou Diensa, antes que Omena estivesse longe demais para escutar. ‘Não. Não tenho fome’.

Omena ainda estava curiosa e queria mesmo saber para onde a

sua mãe foi. Não era comum que a rainha saísse sozinha e sem informar a ninguém pelo menos para onde ia. Era uma quebra no protocolo de segurança. Por um lado, estava grata por ter a Diensa que se preocupava com a rainha a ponto de surtar. Fazia com que se sentisse melhor por não estar mesmo nem um pouco perturbada com a situação. Por outro lado, sentia-se mal por desejar que a sua mãe estivesse sim, numa situação de perigo, para que ela pudesse, pelo menos uma vez, experimentar acreditar em Oãda e socorrer-se nele.

Entendia, porém, que as pessoas em Arret tinham enterrado muito a fundo e por bastante tempo aquela possibilidade. Estabeleceu-se que não era mais o orgulho que os fazia não buscar pela Lenda e sim simplesmente o fato de que era uma Lenda perdida e esquecida. Hoje existiam apenas ecos dos ecos.

Ao chegar à grande porta do castelo, dois guardas, com roupas e equipamentos semelhantes aos primeiros dois, estavam em pé, segurando as suas lanças douradas. Eles tinham um semblante muito mais relaxado do que os outros.

‘Finalmente, moça’ — disse o guarda à esquerda, olhando para Omena e pousando a lança no chão.

‘Por mim, demorava um pouco mais’ — respondeu Omena, tirando um elástico do bolso e amarrando o cabelo. Lançou-se a ela o jovem soldado com um murro e Omena esquivou-se com facilidade. Lançou mais dois e Omena ia esquivando-se, tentando manter o equilíbrio. No quarto murro, Omena viu-se forçada a

defender-se com a mão porque não teria tempo o suficiente para esquivar-se. O guarda sorriu e lançou-a para o chão com o quinto tiro de punho cerrado. Omena levantou-se, correu e saltou com três pontapés no peito do oponente, que reagiu lançando mais uma punhada que a Omena defendeu com facilidade.

A série de socos e chutes lançados pelo guarda eram todos esquivados ou bloqueados pela Omena, que também lançava os seus próprios chutes e socos semelhantemente bloqueados e esquivados, conseguindo acertar um e outro.

Finalmente, a princesa viu a oportunidade que estava à espera. Com um ataque simulado para um lado, lançou-o com força para o outro. Desequilibrou o adversário e finalizou com uma rasteira que soou como um grande estrondo da armadura no chão. Isso deu uma abertura para a Omena saltar, rolar no piso e, com a perícia necessária, pegar na lança, apontar para o guarda imobilizado e terminar a luta. Ofegante, Omena olha em direção ao campo de flores para ver a Diensa a ler a sua revista e a ignorar o que estava a acontecer à porta do castelo. Omena ajudou o guarda a levantar-se e devolveu-lhe a lança.

‘Estamos empatados’ — disse o guarda, voltando para o seu posto e verificando se não tinha ossos partidos.

‘Empatados nada’ — disse o guarda à direita — ‘perdeste as últimas três lutas. Omena está na frente por dois pontos’.

‘Deixa-o, Thúndio. O Limor é um mau perdedor’ — disse Omena sorrindo e tirando o elástico do cabelo, soltando-o outra vez, — ‘a

minha mãe saiu mesmo sozinha e sem dizer para onde ia?’

‘Sim, é verdade’ — respondeu Limor, voltando à sua posição, ainda um pouco aflante.

‘Não que eu me importe, mas deve ser algo importante para ela quebrar o protocolo de segurança’ — disse Omena, aproximando-se da porta que já estava a abrir-se automaticamente.

‘Deve estar a querer te entender melhor, usando as mesmas estratégias que tu usas’ — disse Thúndio, antes que a Omena entrasse no palácio. Omena parou, baixou a cabeça, sorriu e continuou a andar.

‘Eu luto para sair. Sangue escorre em meus punhos. Ela manda ninguém lhe seguir. É diferente’ — respondeu Omena antes que a porta se fechasse atrás dela. Tal como esperava, as lareiras estavam acesas, aquecendo as paredes do castelo. Viam-se candeeiros a iluminar cada canto daquela estrutura grandiosa, deixando claro os traços medievais e a inspiração modernista que conviviam na arquitetura do palácio. Ouro e branco banhavam toda mobília à vista, dando a sensação de que aquele lugar tinha sido desenhado para transmitir uma mensagem de paz e reconciliação.

No meio de toda aquela falta de cor, Omena era o grande contraste ambulante. Suas roupas regularmente pretas não a deixavam passar despercebida. Era quase sempre visível. Por isso tentava balançar com o amarelo, já que não gostava de vestir branco, mas precisava de camuflar-se de uma forma ou de outra.

Omena sentia um perfume não familiar enquanto caminhava.

Era doce e tranquilizante. Estava convencida de que era mais uma das experiências da sua mãe. A rainha, ela sabia muito bem, tinha um dom peculiar com flores e aromas.

Enquanto subia as escadas, ouviu um barulho vindo de uma das salas no piso de baixo. Curiosidade obrigou-lhe a reduzir o passo para prestar atenção e escutou mais uma vez o som vindo do escritório de sua mãe. Devagar, fez-se escadaria a baixo para não criar ruído e caminhou em direção à porta de onde escutou a rusga. Estava semi-aberta. Pensou se não era prudente chamar os guardas e deixá-los tratar do assunto, mas também cogitou a possibilidade de ser apenas um animal que entrou e que estava à procura de comida ou de uma saída. Podia ser o fiel cavaleiro da sua mãe. Bestúg. A Diensa disse que ele estava no palácio. Este último pensamento deu-lhe a coragem necessária para abrir a porta, mesmo que lentamente, e espreitar para dentro do escritório.

‘Ensinei-te melhor do que isso, Omena. Batemos sempre a porta antes de entrar’ — disse uma senhora alta, com um ar elegante e requintado. Suas longas vestes brancas e douradas pareciam fazer parte da decoração do escritório. Menos a tiara prateada que enfeitava cheia de graça o seu cabelo longo e trançado e exibia uma pedra azul clara que dava a sensação de brilhar de forma independente. Em sua mão direita tinha um anel com uma pedra semelhante, em miniatura. Os seus olhos eram escuros, tais como os da Omena, e o seu rosto era proporcional, simétrico, fino e

formoso, acompanhando na perfeição a sua alta estatura. Estava à procura de algo em meio a dezenas de livros que sentavam por cima da mesa. Tanto que nem levantou a cabeça para olhar para a Omena.

‘A porta estava aberta’ — disse Omena, tentando deter a sua cara de surpresa e fechando a porta atrás dela, — ‘eu pensei que tivesses saído. Aliás, todo mundo acha que tu saístes’.

‘Eu saí e já voltei’ — disse a mãe da Omena, ainda a vasculhar os livros, desta vez puxando uma cadeira e sentando enquanto folheava pelas páginas.

‘Como é que ninguém te viu entrar?’

A mãe da Omena parou, olhou para ela e sorriu. Fazia tempo que não via a sua mãe sorrir com aquele ar astuto. Pelo menos não com ela. A última vez que Omena viu aquele sorriso foi quando tinha muito acurada, eloquente e fervorosamente defendido sua posição contra a venda e consumo de Vinoxol: uma substância tóxica que criava bem estar e aguçava os sentidos. Incontornáveis eram as provas da sua letalidade. Pregou contra a comercialização e o consumo da mesma na conferência bienal de revisão das leis populares, no ano anterior. Para Omena, aquele sorriso era um atestado ao orgulho que sua mãe sentia de si, mesmo sendo algo de extrema raridade.

‘É alarmante que a rainha fuja. É muito menos alarmante que ela saia sozinha e volte sem que ninguém a veja. Não achas?’ — respondeu à mãe da Omena, confundindo a filha e deixando-a

sem saber o que ela quis dizer, se devia engajar na conversa ou simplesmente ignorar e ir dormir com dúvidas.

‘Onde estavas?’ — perguntou Omena, decidindo se engajar na conversa.

‘Negócios. E tu?’ — respondeu a mãe.

‘Por aí. Não precisavas ter enviado o Danz atrás de mim.’

‘Eu sei que o Danz é a única pessoa capaz de te encontrar quando tu decides desaparecer.’

‘Mas quando eu desapareço, não quero ser encontrada.’

‘Nem sempre podemos ter o que queremos, Omena.’

‘Eu não vim atrás de um sermão’ — disse Omena, virando-se e abrindo a porta do escritório, — ‘aliás, não sabia que estavas aqui. Não teria vindo se soubesse.’

Quando já estava na porta, prestes a abrir, sentiu a firme mão da sua mãe a segurar o seu braço com tanta força que tinha certeza de que deixaria uma marca. Virou-se para enfrentar a rainha e, ao olhar para cima para encontrar os seus olhos, viu em seu semblante os traços que antecipavam um furioso rugido. Para sua surpresa, tudo que aconteceu foi a contemplação do olhar profundo diante dela durante o que parecia ser uma eternidade, sem uma palavra e sem piscar. Sentiu seu braço livre novamente e, tal como antecipou, ficou impresso nele a marca da mão da sua mãe. Majestosa, voltou para a sua cadeira em silêncio e continuou a vasculhar os livros.

Omena estava em choque. Nenhum sinal de gritaria, contrário ao

que era habitual. A fúria em seus olhos era familiar e esperada, mas não receber reação para além daquela era novo e assustador. Tenebroso. Apesar de não ter medo do desconhecido, quando se tratava da sua mãe, não conseguir prever o que viria a seguir era um problema. Elas estavam em constante conflito e, apesar de ser algo que lhes fazia muito mal, a dinâmica da rotina mantinha as coisas familiares. O que, por extensão, tornava a previsibilidade do ambiente um lugar seguro.

Não ter chegado ao ápice estava a fazer com que Omena questionasse suas motivações. Valia a pena continuar a se opor? Por que e como é que chegaram àquele ponto? Ao atentar para todas as abordagens experimentadas, existia alguma menos intensa que poderia adotar para expôr a sua inquietação? Se fosse o caso, seria tal abordagem considerada sem quebrar o seu ego em pedaços? Estava mesmo disposta a aumentar as memórias de falta de respeito e arrependimentos por não ter sido uma filha melhor?

Apesar da nuvem de dúvidas que cobria o seu julgamento sobre a situação, Omena sabia o que devia fazer a seguir.

‘Mãe, peço desculpas. Eu não devia ter dito o que eu disse’ — expressou Omena, vergonha cobrindo seu rosto enquanto andava em direção à mesa, segurando o braço que a rainha apertara. Sua mãe colocou o livro que tinha na mão de volta na mesa, segurou a cabeça com as duas mãos e com os olhos para o chão. Depois de três profundos suspiros, olhou para sua filha com os olhos

lacrimejantes.

‘Tu és minha filha. De tudo que eu posso almejar, o que eu mais quero é o teu bem. Eu também sou um dos reis deste lugar. Nestas terras, o que funciona são as leis. Elas não dependem apenas de mim. É isso que eu preciso que tu entendas para que não sofras. Não tem a ver com a minha reputação, como disseste da outra vez. Não é o trono que eu quero proteger. És tu, Omena.’

Estava claro que havia ali uma quebra de paradigma. Lágrimas, uma reação serena e até uma não-reação da parte da filha. Esta era uma receita nova e não sabia como juntar os ingredientes. Omena puxava pela memória à procura de lembrar de alguma situação semelhante no passado para que pudesse replicar um possível passo seguinte, mas não encontrava nada próximo a isto. Não valia muito a pena continuar a procurar porque estava convencida que não era uma falha na memória e sim uma falha no seu carácter e no carácter da sua mãe. Ambas passaram tanto tempo uma contra a outra por fenômenos que não se podiam observar e nem provar que constituíam verdade.

Era muito difícil, até então, para que qualquer uma das duas não se acionasse para se defender tão com tamanha violência ao ponto de tornar a mais simples das questões num peso destrutivo. A curiosidade e teimosia da Omena tornaram-se ferramentas de batalha e, olhando para os estragos que estas vinham causando, ela começava a pensar, bem lá, no fundo, na possibilidade de a sua crença ser, de certo modo, irracional. Como é que se explica

que a esperança tida como a maior paz que alguma vez existiu esteja a causar tanta confusão e divisão?

Foi nesse momento de pausa que a Omena percebeu o quão cansada ela estava de todo drama em torno da Lenda e começou a pensar na possibilidade de deixar esse assunto de lado, pelo menos temporariamente. Viria todo seu esforço para descobrir a verdade jogada ao estacionamento, mas naquele momento ela preferia isso do que lutar por algo que nunca tinha visto antes. Só existiam pistas. Estava disposta a tentar algo diferente.

‘Eu sei, mãe’ — disse Omena, sentando-se na cadeira em frente da rainha, que tinha um olhar calmo em seu rosto, — ‘Eu sei e eu peço que mãe me perdoe’.

A mãe da Omena limpou as lágrimas em seu próprio rosto, borrando a maquiagem, mas revelando a sua beleza natural. Sorriu ligeiramente enquanto fechava os livros que tinha espalhado em sua secretária, organizando-os para manter as suas mãos ocupadas enquanto pensava no passo seguinte.

‘Quando tu fores rainha e tiveres filhos, será mais fácil entender a minha posição, princesa’ — disse a rainha, voltando a abrir um dos livros e manuseando-o como se estivesse à procura de algo específico. Omena sabia que a sua mãe estava tão sem jeito quanto ela e que aquele gesto com o livro era apenas reflexo do que já acontecia há bastante tempo. Ela via-se ocupada com seu trabalho e isso servia de desculpa para não engajar ou se embaraçar com confrontos diretos com sua filha. Mas Omena sabia exatamente

como chamar a atenção da sua mãe.

‘O que é que estás à procura, mãe?’ — perguntou Omena, simulando interesse. Só que, logo após fazer a pergunta quase que automaticamente, percebeu que tinha genuína curiosidade. Queria saber o motivo pelo qual a sua mãe estava no escritório a vasculhar uma mesa cheia de livros enquanto todos acreditavam que ela estava fora do palácio.

‘Estou à procura de uma nota que escrevi e perdi no meio destes livros’ — respondeu a mãe, folheando as páginas secas e desgastadas de livros que pareciam não ter sido mexidos há bastante tempo.

‘Como é que todo mundo acha que não estás no palácio?’

A mãe da Omena olhou para ela com um sorriso e voltou-se para o livro, ainda sorrindo. Os olhos e os sorrisos da rainha eram iguais aos da Omena. Se não fosse pela fama das duas, alguns mais desatentos certamente perguntariam se eram irmãs.

‘Essa foi a minha tentativa de te entender melhor, utilizando as mesmas estratégias que tu utilizas’ — disse a mãe da Omena, ainda com aquele sorriso no rosto, empurrando livros em direção à sua filha. Omena já sabia o que ela queria. A verdade é que ela não era muito boa em dar instruções não verbais, mas a Omena aprendeu a ler suas intenções.

Pegou na pilha de livros e, junto à sua mãe, começou a consultar as páginas amareladas que já se degradavam ao toque. Ficaram em silêncio por um tempo, mas não o tipo que era fruto de

fricção, como de costume. Esse silêncio sabia bem. Exalava vida. Enquanto a princesa folheava, tentava não cruzar olhares com sua mãe que, tal como reparou, empreendia o mesmo esforço.

Pela primeira vez em muito tempo, Omena pôde apreciar o bálsamo da mãe. A fragrância doce lutava e vencida o cheiro de mofo e de poeira que emanava dos livros que manuseavam. Era o aroma que mais lhe perseguia e lembrava de casa, pois sua amiga Tígia insistia no mesmo. Omena nunca reclamou sobre o perfume porque sabia que se o fizesse, ela de certeza não usaria mais. Tígia já tinha feito diversos sacrifícios pela Omena. Não achava justo que a amiga deixasse de usar aquele perfume, por mais perturbador que o suave cheiro de cerejas do deserto fosse em alguns momentos.

‘O que exatamente estamos à procura?’ — perguntou Omena, como pretexto para olhar para o rosto da sua mãe e ver se ela também estava a desfrutar do silêncio e da sua companhia.

‘Um pequeno pedaço de papel não tão velho quanto estas páginas’ — respondeu a mãe, puxando uma cadeira e colocando os livros já vasculhados empilhados um por cima do outro no assento forrado com linho fino.

‘E o que está escrito nessa nota?’ — perguntou Omena finalmente o que ela queria saber quando fez a primeira pergunta. Ela queria desvendar o máximo de mistérios possíveis antes de ir à cama. O pedaço de papel, a saída da rainha e o como estender aquele ambiente em tempo e espaço.

‘A verdade é que nem mesmo eu sei. Aliás, não me recordo. São instruções que anotei no último conselho de reis’ — respondeu sua mãe, puxando uma cadeira e sentando enquanto fechava o livro que estava a folhear. Seu rosto estava tranquilo e despreocupado, mas Omena estava na dúvida se era porque ela realmente tinha a alma serena ou se era o semblante treinado de uma rainha que não devia permitir transparecer fraquezas. Outra dúvida que não a deixava descansar era como é que a rainha tinha saído e entrado no palácio sem ser vista. Omena conhecia algumas formas de fazê-lo e, até então, só se sabia dela como a pessoa que fazia uso das passagens secretas. Aliás, ninguém mais tinha necessidade alguma de utilizar tais passagens. Só que agora começava a pensar na segurança do palácio e também na integridade de sua mãe como governante daquele país. Perguntava-se qual era o motivo dos caminhos secretos nunca terem sido fechados, uma vez que representavam potencialmente uma brecha na segurança.

‘Terceiro piso. Salão dos vasos quebrados’ — disse a mãe de Omena, mirando nela de forma tão penetrante que parecia confirmar que sabia que Omena não dormiria tranquila sem aquela informação. Não foi apenas o olhar e a revelação da sua mãe que a cativou naquele momento. Um meio sorriso, como que de cúmplices de longa data que não precisam trocar palavras para se comunicar. A certeza que o ar que as circundava era o suficiente para transmitir a mensagem.

‘Túneis superiores ou inferiores?’ — perguntou de forma ousada

Omena, ainda meio pasma, mas genuinamente curiosa.

‘Inferiores. Os superiores são demasiado apertados’ — respondeu sua mãe, desta vez fazendo a sua filha soltar um sorriso. A princesa puxou sua cadeira para mais perto da sua mãe, inclinando-se para frente, com mais algumas perguntas já a correrem pela sua mente.

‘Há quanto tempo conheces essas passagens?’

‘Filha, eu moro nesse palácio desde que nasci. Sempre soube da existência dessas passagens.’

‘Mas não é um risco para a segurança?’ — perguntou Omena, revelando pela sua reação não estar tão surpresa com o fato de que sua mãe sabia sobre as passagens do castelo. A casa tinha mais de duzentos e trinta anos e foi o lar de múltiplas gerações de sua família.

‘As passagens foram construídas exatamente por causa da segurança do palácio. Bom, foi no tempo da Guerra Sangrenta, mas mantêm-se abertas porque têm a mesma utilidade.’

Omena escutava a sua mãe, sem deixar de folhear. Enquanto o fazia, ela encontrou um pequeno papel no meio das folhas amareladas dentro de um livro que tinha uma capa de couro e cujo título estava escrito num material que parecia ser ouro. Mostrou-o à mãe, mas descartou porque não era aquilo que ela procurava. Omena segurou o papel e, antes de colocá-lo de lado para continuar a procurar, analisou curiosamente o seu conteúdo. Tinha algo escrito em tinta que, de tanto tempo se ter passado, já

se tornara púrpura claro. Não dava para perceber o que estava lá escrito. A maior parte do pequeno texto estava borrado e ilegível. A única palavra que a Omena conseguiu perceber foi a assinatura por baixo do texto. “O. Ziad”.

Sabia que não tinha sido ela a escrever aquele bilhete, então tinha certeza que aquela rubrica era da rainha. Otília Ziad. Quão poderoso era tal nome, pensou Omena. A mulher mais poderosa do reino, partilhando o trono com mais três homens. Vezes sem fim cruzava a mente da princesa a assustadora realização do que aquilo significava. Privilégios que tinha acesso por causa do mesmo sangue real que corria em suas veias. O poder que pairava sobre aquela assinatura era de se matar para obter.

Aprendeu muito cedo que a palavra da mãe era lei. O que estivesse assinado pela sua mão e não fosse necessário passar pelos outros reis, se tornava um documento oficial com efeito imediato. A este tipo de documento as pessoas referiam-se por semi-decreto. Por isso Omena teria passado uma primavera inteira a aprender a caligrafia da sua mãe para utilizar em seu favor em casos onde não tinha outra opção a não ser, em segredo, utilizar a assinatura da sua progenitora. Quando sua trama foi finalmente descoberta, só não teve uma punição mais severa porque, em sua defesa, seu nome também era “O. Ziad”. Se quisermos ser honestos, o fato de ser filha da rainha teve o seu devido peso.

Omena e Otília ficaram em silêncio durante mais tempo, não sabendo o que dizer uma para a outra. O único som vinha da

lareira acesa, onde o fogo chamuscava a lenha. Enquanto a Otília parecia realmente concentrada em encontrar a nota que havia perdido, Omena folheava os livros à procura de algo que pudesse dizer sem tornar a conversa estranha e mudar o ambiente calmo que já se tinha estabelecido.

‘O que achas de passar um tempo na Vila da Caridade?’ — perguntou Otília, fechando um dos livros e olhando para a filha fixamente. Omena não tinha conseguido esconder a sua cara de espanto à tempo, o que fez com que Otília solta-se um curto riso pela reação genuína da sua filha.

‘Eu? Na Vila da Caridade? Por sugestão da minha mãe?’ — disse Omena, afundando-se em sua cadeira. Mal conseguia acreditar os seus ouvidos e estava mesmo a crer que tinha escutado errado ou que a sua mãe estivesse a fazer uma brincadeira de mau gosto. ‘Sim, eu estive a pensar,’ — começou sua mãe, segurando outro livro, mas não abrindo — ‘eu penso que fará bem a ti e a mim. Pelo menos neste período em que há muito movimento político entre as nossas províncias.

‘Bom, para ser sincera, a Kerkrina já me tinha feito um convite,’ — confessou Omena — ‘Eu vinha falar sobre isso contigo, mas estava com receio de, sei lá, não aceites ou queres restringir-me. Espera, não vais colocar restrições, pois não?’.

‘Se por restrições queres dizer colocar a guarda real para seguir-te, não vou.’

‘Nem o Danz?’

‘Nem o Danz.’

Houve mais um momento de pausa, agora com um pouco de desconfiança no ar. A noção era que sua mãe não simpatizava com ninguém que simpatizasse com a Lenda. Vila da Caridade era, em essência, um amontoado de simpatizantes de Oãda. O Reino só permitia com que o lugar continuasse a existir porque o mesmo concordou em receber investimento para cuidar dos mais necessitados em Arret. Kerkrina era a líder do Grande Instituto das Missões, que tinha a sua sede na Vila e que era visto como uma espécie de governo central daquele lugar.

Omena sabia que a rainha não era exatamente fã da Kerkrina e do seu instituto, mas em algumas ocasiões a tinha mencionado como um exemplo de postura que a Omena devia seguir se quisesse continuar a envolver-se com a dita Lenda. A líder do instituto era eloquente, simpática, carismática e não era fonte de alvoroços como Omena. De certo que tinha muito mais experiência que a princesa, já que era da mesma idade que sua mãe.

‘Não vais mudar de ideia?’ — perguntou Omena, — ‘Não estás só a dizer isso agora que, bem, conseguimos ficar no mesmo espaço por quase meia hora sem nenhuma discussão?’

Omena, ainda céptica, estava a olhar diretamente nos olhos de sua mãe, cuja leveza era acompanhada por um sorriso. Esta noite de sorrisos e surpresas começava a se tornar desconfortável para ela.

‘Estou há dias a ponderar essa possibilidade’ — respondeu a mãe

com calma, ainda com o olhar fixo na filha, — ‘tive um encontro com a Kerkrina há algumas semanas. É provável que tenha sido na mesma altura que ela te fez o convite. Diria que a nossa, hmm, rivalidade...é tão popular que chegou às montanhas do norte. Os argumentos dela foram convincentes. Não sabia exatamente quando ou como aproximar-me para propôr que aceitasses o convite que ela te fez.

‘É, eu sei que ela falou contigo’ — disse Omena, num tom obscuro, — ‘ela disse que falaria na carta que enviou para mim. Só não achava que seria tão eficaz’.

Os argumentos dela foram convincentes, pensou Omena. O que é que a Kerkrina disse à sua mãe que ela ainda não tinha dito, perguntou-se. Sentia que tudo estava a acontecer rápido demais. Ao mesmo tempo, entre procurar formas de manter a paz com a mãe a longo prazo enquanto ocupavam o mesmo teto e mudar-se para a Vila da Caridade por uma temporada, ela preferia esta última opção. Ainda mais com o bónus adicional de não ter a guarda real a respirar em seu pescoço a cada passo que fosse dar. Podia até aprender com a Kerkrina alguns truques que a ajudassem a manter a paz, já que ela parecia ser mestre em equilibrar a vila e o reino inteiro num só acorde harmônico.

‘Está bem’ — disse Omena com firmeza, mas desviando o olhar, — ‘Irei à Vila da Caridade. Mas preciso que coloques em escrito que não irás mandar nenhum soldado para espionar-me’.

Otília pegou numa folha de papel e numa caneta de ouro como

se já estivesse à espera que Omena fizesse aquela exigência. Omena esperou com paciência para que a sua mãe terminasse de escrever. Quando terminou, recebeu o papel das suas mãos, leu calmamente, franziu a testa e voltou-se para a mãe.

‘O que é considerado “caso de emergência”?’

‘Alguma lesão, necessidade de mantimentos, perigo de vida ou -’
‘Perigo de vida é o único caso de emergência que eu vejo necessidade de intervenção’ — interrompeu a Omena, tentando manter-se calma mesmo percebendo que o seu interior estava a começar a ferver. Sentia que a sua mãe queria manipular o semi-decreto para manter o controle.

A rainha sorriu, pegou outra vez no papel e continuou a escrever. Omena esperou, um pouco impaciente. Quando recebeu de volta o papel, leu a partir do início para garantir que não deixara nada de fora caso tivesse de voltar a reclamar. Fez uma revisão minuciosa em tudo que sua mãe acrescentou, sorriu e acenou com a cabeça em concordância. Foi com esforço que agradeceu à rainha. Não o fazia há tempos e sentia que tinha perdido a prática, se é que isso era possível.

Perguntou se podia viajar no dia seguinte e recebeu uma resposta positiva. De seguida, perguntou se podia deixá-la no escritório e ir ao seu quarto para preparar-se para a viagem. Tendo outra resposta positiva, Omena levantou-se e despediu-se. Saiu lentamente do escritório, tentando não mostrar o entusiasmo que estava estampado em seu rosto por ter a oportunidade de ficar

longe de sua mãe e daquele palácio por tempo indeterminado. Ao fechar a porta do escritório, viu a Diensa a passar pelo corredor e a olhar para Omena com cara de espanto.

‘O que estavas a fazer no escritório da tua mãe?’

‘A conversar com ela’ — respondeu Omena, sorrindo maleficamente, sabendo que a Diensa não entenderia nada do que estava a acontecer.

‘Conversar com ela? Como assim?’ — perguntou Diensa, a caminhar rapidamente em direção à porta do escritório, as suas pernas curtas não conseguindo acompanhar a velocidade da sua curiosidade.

‘Boa noite, Diensa’ — disse Omena, caminhando em direção às escadas e deixando a pequena senhora sozinha no corredor. Quando já estava a subir os primeiros degraus, escutou a voz da Diensa a aproximar-se das escadas enquanto falava alto e a sua voz ecoava pelo salão principal do palácio.

‘Menina Omena, se isso é a tua ideia de piada, não tem graça nenhuma. Eu estou aqui toda preocupada com a tua mãe e tu me pegas uma dessas? Queres matar-me do coração?’

‘Do que estás a falar?’ — perguntou Omena, parando no meio das escadas e olhando para a Diensa que estava em pé no princípio delas.

‘Não está ninguém no escritório da rainha!’ — disse Diensa indignada. Omena sentiu seu coração dar alguns pulos tão altos como os que ela deu enquanto descia as escadas saltando alguns

degraus. Correu para o escritório, abriu a porta e, tal como a Diensa disse, a sala estava vazia. A mesa e os livros que ela e a sua mãe mexeram estavam exatamente onde a Omena tinha deixado antes de sair da sala. Mas não havia mais ninguém lá. Omena entrou, olhou à volta, chamou pela mãe com a voz trêmula, tentando fazer sentido do que estava a acontecer. Pegou na folha em que a sua mãe tinha escrito. A tinta preta estava lá, com todos os acentos, toda pontuação e a poderosa assinatura “O. Ziad” no final do semi-decreto.

‘Chega, Menina Omena!’ — exclamou Diensa enfurecida, — ‘se não vais ajudar, pelo menos não atrapalhe. Não tem mesmo graça nenhuma. Eu aqui toda preocupada e tu me vens com -’.

‘Não estás a perceber, Diensa!’ — interrompeu Omena também enfurecida e assustada, — ‘Eu estava aqui com ela agora. Ela escreveu-me este semi-decreto’ — Omena entregou o papel para a Diensa. Ela leu, franziu a testa múltiplas vezes e olhou para a Omena.

‘Menina Omena, faça-me o favor! Todo mundo sabe que tu falsificas semi-decretos com a mesma facilidade com que tu respiras. Ai, minha tensão! Por favor, vai para o teu quarto e não pregues mais nenhuma partida’.

A princesa arrancou o semi-decreto das mãos da Diensa e começou, de forma frenética, a inspecionar o local. Mexeu nas cortinas, afastou as mesas e as cadeiras, removeu os quadros e os tapetes. Estava à procura de uma potencial passagem secreta que

a sua mãe utilizou para sair de lá tão rapidamente e sem deixar rastros. Omena já tinha a confirmação que a sua própria mãe sabia que existiam tais caminhos no palácio, mas não conhecia um sequer que passasse por aquele lugar.

Olhou para o teto, que devia ter no mínimo vinte metros de altura, vendo os candelabros acesos a iluminar a sala, tentando esquivar seus olhos das luzes e ver se existia alguma pista. Enquanto isso, Diensa tentava puxar Omena pelo braço enquanto gritava sermão atrás de sermão em uma mistura de susto e desespero pelo fato de que a rainha estava desaparecida e sua filha estava a destruir o seu escritório. Tudo que a Omena conseguia pensar naquele momento era que tinha de provar que ela estava com a mãe naquela sala há instantes e, mais importante que isso, que aquele semi-decreto era verdadeiro. Mas como? Quem poderia saber de uma possível passagem secreta no escritório da rainha? ‘Diensa!’ — exclamou Omena agachando ligeiramente e segurando a pequena senhora pelos ombros, — ‘O Bestúg! Disseste que ele está no palácio. Onde?’

Diensa continuava a cuspir sermões cada vez mais aleatórios enquanto Omena sacudia o corpo dela o suficiente para fazer-lhe ficar nauseada e parar de falar.

‘Então?’ — perguntou Omena, impaciente.

‘Cozinha,’ — respondeu Diensa entre os longos suspiros que dava para tentar não vomitar.

Omena pegou a Diensa pela mão e levou-a junto com ela à

Capítulo 1: Fiel Cavaleiro

cozinha. Estava a caminhar rápido o suficiente para não sentir que estava a perder tempo e lento o bastante para não agitar demais a governanta que continuava a respirar fundo para reequilibrar-se. Ao chegar na cozinha, uma expressão de choque assaltou-lhes os rostos. Diensa lançou a mão à boca, tentando segurar o grito entre os dentes. Deitado no chão, por cima de uma poça de sangue, estava um corpo de um homem enorme e forte, com vestes na mesma cor que os uniformes dos soldados que estavam do lado de fora. Seus olhos estavam abertos, mas sem qualquer expressão. Omena, que tinha reconhecido imediatamente aquele homem, perdeu forças em suas pernas e teve de segurar-se nos ombros da Diensa para não cair. Sem vida e diante delas estava Bestúg, o fiel cavaleiro da rainha.

A LENDA DE
OÃDA

Testemunhos de Reis e Plebeus